

Lula: uma história coletiva

Lula: a collective history

Maud Chirio*

NA SUA *Biografia de Tadeo Isidoro Cruz*, Jorge Luis Borges descreve a “*lúcida noite fundamental*” vivida por seu herói, o sargento epônimo: “*a noite em que por fim viu sua própria face, a noite em que por fim escutou seu nome.*” “*Qualquer destino por largo e complicado que seja, consta na realidade em um só momento: O momento em que o homem sabe para sempre quem realmente é.*”¹ A biografia que o historiador John French dedicou ao presidente Lula está marcada por essa busca borgiana: desvelar o mistério em torno do momento no qual Luiz Inácio da Silva, um peão no meio de milhões de outros, filho de retirantes e criado na miséria por uma mãe analfabeta, se tornou um dos maiores líderes populares do século XX. Esse momento, como as tragédias, tem unidade de espaço e tempo: teria acontecido no estádio da Vila Euclides, em São Bernardo do Campo, entre o início de 1979 e meados de 1980. No decorrer das 18 assembleias ocorridas nesse período, o jovem e barbudo diretor do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo e as dezenas de milhares de trabalhadores que escutaram seus discursos criaram um novo laço que iria mudar o destino do país. Um laço de confiança, adoração, identificação e construção de uma consciência e coragem coletivas que colocou Lula, em plena ditadura militar, na liderança de uma das mais importantes greves da história. “*Os mais velhos ou os que estudaram um pouco sabem o significado do Estádio da Vila Euclides na redemocratização desse país, na politização da classe trabalhadora e na chegada onde nós chegamos*”, declarou o próprio Lula durante uma visita ao campus da Universidade Federal do ABC, no dia 2 de junho de 2023. “*Acho que não tudo, mas quase tudo aconteceu no Estádio da Vila Euclides*”.²

* Historiadora, professora na Universidade Gustave Eiffel (França), membro do Laboratoire d'Analyse Comparée des Pouvoirs e do Institut Universitaire de France. E-mail: maud.chirio@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2010-2103>.

1 BORGES, Jorge Luis. **Obras completas de Jorge Luis Borges**. São Paulo: Globo, 1999. p. 625.

2 Discurso do presidente Lula, 2 jun. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos-e-pronunciamentos/2023/pronunciamento-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-inauguracao-de-bloco-no-campus-da-ufabc>.

A estrutura do livro *Lula. A política da astúcia* tem como pedra angular as grandes greves do ABC. Nos primeiros três quartos do livro, o autor conta a história de uma construção: qual soma de experiências, encontros, aprendizagens, vínculos, conscientizações permitiram que Lula “*torne-se*” ele mesmo, um líder popular, aos 34 anos? A leitura dessa investigação, “*trabalho de detetive rigoroso*”, como o próprio autor adequadamente a define, é para o leitor uma aula de sensibilidade histórica, método e honestidade intelectual. French não nos esconde o quanto muitos aspectos da trajetória, personalidade, capacidades de socialização e da sedução que Lula exerce sobre seus interlocutores, parecem ter algo de mágico ou, ao menos, de inacessível às ciências sociais. Por que esse jovem torneiro mecânico, tímido e pouco politizado, teve tal ascensão dentro do aparelho sindical do ABC? Como conseguiu circular tanto entre os grupos irreconciliáveis de “*uma esquerda [que] não se unia nem na cadeia*” (Lula, 1993, p. 547) quanto entre os arcanos do poder de um Estado militar em decomposição? Como centenas de milhares de trabalhadores, sem tradição de luta coletiva nem de oposição à ditadura, entraram sob sua liderança num processo de greve geral? Frente a esses questionamentos múltiplos, John French não só nos mostra a força das ferramentas do historiador como também nos alerta contra a facilidade que teria em desistir de utilizá-las. Expõe, ao seu ver, a mobilização consciente ou inconsciente de preconceitos de classe, que tanto pesaram sobre as análises anteriores que os “*letrados*” fizeram da politização popular. Tão reticente quanto eu à sobreutilização do conceito de populismo, French desconfia das interpretações que colocam no centro uma massa popular passiva subjugada pelo carisma natural de um líder. Ao contrário, ele sempre procura nas fontes a capacidade de agir dos trabalhadores, sua inteligência e racionalidade próprias, e sua participação em universos sociais em constante transformação.

A história da formação do jovem Lula é um relato metódico e sensível, marcado por essa exigência tão intelectual quanto política: construir as ferramentas suscetíveis de contrabalançar a distância social entre si e os sujeitos estudados. Para tanto, o autor adota uma abordagem compreensiva, no sentido weberiano, dos comportamentos populares: leva a sério a subjetividade dos atores e os sentidos que dão aos seus atos. Ele é atento às suas palavras, o que o leva a introduzir no texto os termos em português. French questiona, por exemplo, o quão a *teimosia* supõe de contestação surda da hierarquia social, para quem se situa na sua base; em que medida se definir como peão, ou ser tratado como tal, pode provocar desvalorização ou, ao contrário, reivindicação de identidade. Sua abordagem é apoiada por um volume considerável de fontes, em sua maioria orais e analisadas com atenção aos contextos de enunciação e aos silêncios. Com uma alma de antropólogo, French explora os universos culturais dos trabalhadores, a relação que constroem com a masculinidade nas suas brigas adolescentes de estilingue, a importância das solidariedades familiares, os efeitos de estigmatização produzidos por

palavras. Ele propõe o conceito de *astúcia* (*cunning*), uma forma de *agency* do dominado, onde se misturam o pragmatismo do fraco e a compreensão dos sistemas de opressão, real ou simbólica, nas quais ele deve viver?

Nessa parte do livro, French trabalha “por baixo”, o mais próximo possível da experiência social: de Lula, obviamente, mas também desse mundo de trabalhadores da Grande São Paulo, em grande parte migrantes. O autor é nisso coerente com seu projeto de entender Lula como uma construção coletiva, produto de uma história complexa. A linha cronológica da biografia abre múltiplos caminhos, que French explora sistematicamente, com idas e vindas entre a pessoa de Lula e seus grupos de pertencimento. A chegada da família Silva em São Paulo permite desenhar um mundo em total transformação, onde os filhos são mais bem remunerados que os pais e onde a origem geográfica importa menos que o meio operário cosmopolita onde se cresce. A entrada de Luiz Inácio na escola primária leva à apresentação, a partir de pesquisas extensas sobre o mundo escolar paulista nos anos 50, da violência com a qual as crianças migrantes interiorizavam nos seus corpos uma posição subalterna na hierarquia social e de valores. French sinaliza a importância fundamental para Lula do treinamento no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, o Senai, graças à insistência da mãe e à posição de caçula, que se beneficiou dos salários dos irmãos maiores. É um ponto de virada decisivo, que lhe abre as portas de uma certa aristocracia operária, aquela dos trabalhadores qualificados. Ser torneiro mecânico muda radicalmente a maneira de se situar nas hierarquias no trabalho: o orgulho das competências adquiridas se confronta ao desprezo das elites e, apesar da melhoria das condições materiais, nutre um sentimento de injustiça.³

As experiências posteriores —o desemprego, o trabalho bem remunerado na fábrica da Villares, a entrada na direção do sindicato— suscitam os mesmos questionamentos: como o sentimento de injustiça se construiu em conjunto com a consciência de ter um valor, em particular profissional, confrontada à violência social? Em que medida se articulam a consciência política e os impulsos pessoais —desejo de ascensão social, interesse, sede de aventura— no fato de abraçar a militância? Como a atividade militante pode gerar, na camaradagem do sindicato e do partido, uma consciência política?

A proeza de John French é a de escrever a formação de Lula pelo fim, sem cair na armadilha da teleologia. As experiências da sua personagem abrem possibilidades, mas não determinam seu destino. A década passada na direção do sindicato lhe ensina a cultura da negociação, o pragmatismo no combate e faz florescer suas capacidades de empatia, sem que sua ascensão ulterior no aparelho sindical seja por isso previsível. Da mesma maneira, ter um irmão comunista, Frei Chico, não o politiza automaticamente:

3 Essas questões me levaram a um retorno sobre a trajetória do meu avô, Georges Chirio (1923-2000), filho de imigrantes italianos na França. Ele também seguiu um treinamento profissional para tornar-se torneiro mecânico. A valorização profissional foi fundamental nas diversas etapas de seu engajamento político, na Resistência e no Partido Comunista Francês, na direção de qual acabou ocupando altos postos de responsabilidade até os anos 1980.

oferece o engajamento como oportunidade, um recurso frente à violência e injustiça. French questiona o impacto dos eventos nas trajetórias de vida, deixando entender que a narrativa e o sentido dado importam mais que o próprio fato: por isso nem o golpe, ao qual Lula não se opõe, nem os movimentos de 68, nem o AI-5 provocam tomada de consciência antiditatorial; não mais do que o dedo cortado numa máquina, que Lula aceita com fatalismo. O autor acredita, sobretudo, nas capacidades transformadoras das aprendizagens e na influência das relações pessoais —relações de homens. Talvez John French não tenha levado suficientemente em conta a importância que certas mulheres, em particular Marisa, possam ter tido sobre Lula. De uma certa maneira, French, como historiador, acredita nas mesmas coisas que Lula acredita como político: os encontros, o interesse das personagens secundárias, o diálogo, a adaptação pela aprendizagem, o caráter relativo dos determinismos, a primazia dos homens sobre as ideologias.

A evolução das convicções de Lula é pouco presente na obra: é, de fato, raro que French cite ou analise discursos, apesar de sua atenção às palavras. O mistério que ele explora é a arte da política e a liderança popular, o que deixe de lado a construção de conteúdos e projetos. Não se sabe que livros e jornais Lula lê, nem quais posições ele defende na construção do PT. Tampouco se sabe qual é o impacto da relação com novos movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, nem em que medida sua religiosidade influencia seu engajamento. Seria interessante, por fim, saber por que meios as conexões internacionais constroem uma certa apreensão da geopolítica, e como os direitos humanos entram no seu vocabulário. O texto dá a impressão de que Lula está formado em 1980 e que o que resta da história é a de um mundo no qual esse homem já definido circula, batalha, fracassa e vence. A história de Lula após 1980 no livro é muito mais sucinta e apresenta um número muito mais restrito de personagens secundárias. Esse traço fundamental é decerto compreensível: *Lula* coroa uma pesquisa de toda uma vida sobre os trabalhadores do ABC no século xx. O autor muda de ângulo quando Lula deixa aos poucos o mundo do trabalho do qual French é mais familiar.

Não me entendam errado sobre minha leitura da última parte da obra. O *Lula* de French é uma excelente síntese da trajetória política do Lula, repleta de intuições de grande inteligência e de uma compreensão fina do país. O autor mobiliza, com relevância e coerência, as linhas de análise que já construiu. Mostra, por exemplo, como o crescimento do PT foi acompanhado pelo desprezo de classe por parte das elites de esquerda, que acusaram os eleitores do Nordeste de “não saber votar” antes que o partido conquiste o eleitorado desta parte do país. São os nordestinos que finalmente salvaram a democracia no escrutínio de 2022. O livro também se afirma como politicamente corajoso, escrito enquanto Lula mal tinha saído da prisão, depois de cinco anos de ataques organizados e sistemáticos contra a democracia brasileira. Contudo, John French já nos converteu ao seu método, o de procurar nas socializações e na experiência social concreta como um homem

é “*perpetuamente construído e reconstruído enquanto particip[a] de múltiplas culturas, identidades e perspectivas*”. O livro, por isso, apela à escrita de múltiplas outras histórias de vida e, através dela, da história da esquerda e da Nova República brasileira.

Recebido em: 25/11/2023

Aprovado em: 25/11/2023